**AS INTERFERÊNCIAS DA ORALIDADE EM PRODUÇÕES ESCRITAS: UMA ABORDAGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Rita BRITO DE MELO¹

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-Português, UNEAL.

Ritabrito9132@gmail.com

**RESUMO:** É notório que as escolas enfrentam problemas em relação ao Ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no ensino da norma padrão, visto que quando o aluno inicia o processo de aquisição da escrita é bem provável que ele escreva como fala, ou seja, apresente influências da oralidade em sua escrita. Partindo desse pressuposto, este trabalho visa investigar a influência da oralidade na produção escrita de alunos do 2º ano do Ensino Médio, apontando formas de lidar com as situações de alunos que apresentam essas interferências, numa perspectiva da sociolinguística variacionista. Como fundamentação teórica utilizamos Mussalin e Bentes (2009), Marcuschi (2010), Cagliari (2009), entre outros. Essa pesquisa é de cunho quantitativo e qualitativo, buscando abordar as variações em relação as interferências da oralidade nas produções de textos dos alunos, analisando fatores linguísticos e extralinguísticos: gênero, faixa-etária e contexto social acerca das interferências oralidade na escrita, presentes nos textos. Como resultado da pesquisa, verificamos que muitas pessoas não escrevem do mesmo jeito que falam, essas diferenças entre oralidade e escrita são perceptíveis, e essas influências espontâneas, são marcas que aparecem para preencher lacunas próprias do uso da escrita. Percebemos, diante disso, que a oralidade influência à escrita e que ambas são indispensáveis, pois cada uma desempenha suas funções em contextos sociais diferentes.

**Palavras chaves:** Variação. Oralidade. Escrita e Ensino.

**INTRODUÇÃO**

No momento em que a criança inicia o processo de aquisição da escrita é bem provável que ela escreva como fala, ou que apresente influências da fala em sua escrita. Partindo desse pressuposto este trabalho apresentará a investigação da influência da oralidade na produção escrita de alunos do 2º ano do Ensino Médio, tendo como análise de textos.

“É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a única comunidade de falantes o ”melhor” ou “pior” e passar a respeitar igualmente as variedades da língua, que constituem uma preciosidade de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. ” (BAGNO P. 51)

O ensino de língua portuguesa, desde muito tempo relaciona-se á polêmica de ensina língua materna como sinônimo de ensinar a norma padrão da língua. Isso acaba por resultar no ensino exclusivo das regras gramaticais, excluindo-se o ensino as variações linguísticas existentes na língua. Cada um fala e age (escreve) de acordo com o lugar que ocupa na sociedade e, também, em consideração a situação de uso da língua.

O sujeito é constituído pela linguagem, e atentando-se ao que as escritas dos alunos trazem de enigmático, de equívocos em relação á linguagem já constituída num adulto, passei a me interrogar também sobre o conceito de erro com que lidavam os referenciais teóricos interessados em aquisição da escrita, pois tanto a linguagem como a escrita são formas de linguagem que, embora diferindo, são mutuamente constitutivas pela via dos processos metafóricos e metonímicos, ou seja, pelo ou no funcionamento da linguagem.

Nas perspectivas Variacionistas que se dedicam a detectar as variações de usos da língua sob sua forma dialetal e socioletal que a fala e a escrita não propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita se torna bimodal.

**MATERIAIS E MÉTODO**

 Buscando analisar a temática proposta este trabalho será pautado na investigação, análise e estudo do tema, o mesmo examinará com um olhar investigativo situações referentes ao objeto estudado que se trata das produções do 2º ano do Ensino Médio.

 O estudo visa abordar as interferências da oralidade em produções de alunos do 2º ano do Ensino Médio; para isso faz-se necessário direcionar a abordagem em base de utilização de material teórico, estabelecendo uma linha de investigação pela qual será conduzido o trabalho, para que seja levantado todo material necessário estabelecendo uma relação pratica do que propõe o estudo.

Após o levantamento do material teórico será realizado a coleta de produções textuais dos alunos do 2º, em seguida analisar as interferências encontradas nos textos, observando também alguns aspectos da linguagem dos alunos, tais como gênero, idade, localidade onde vive, costumes e vida social.

De volta a este espaço consagrado à aprendizagem, a sala de aula, observa-se professor e aluno como sujeitos participantes do processo de comunicação oral e são expostos às normas que tendem a beneficiar a efetividade da comunicação humana, ou seja, deve estar explicito quem faz a comunicação e o porquê da comunicação. A linguagem não deve servir apenas para a transmissão de informação, mas também para organizar a consciência e o pensamento de forma real.

Portanto, é preciso que o professor compreenda que deve estimular o pensamento crítico do aluno permitindo-o suas próprias opiniões e não a repetição do que ouviram. Não é fácil para o aluno assumir essa prática, pois temem o erro e suas consequências, o constrangimento perante a turma e isso às vezes o desestimula a tentar novamente.

É de conhecimento geral que são as concepções entre a língua e a sociedade que norteiam o fenômeno da Variação Linguística, pois é por meio dos estudos sociolinguísticos que se torna possível comprovar os diferentes falares de uma comunidade, apresentando oportunidade para perceber a multiplicidade de variações linguísticas que promovem diferenças na comunicação, variação e diversidade das situações de comunicação. Onde o uso da linguagem oral na sala de aula deve envolver-se como instrumento de ligação que viabilize a prática pedagógica ensino-aprendizagem, que faz a aula funcionar e constituir em textos orais: instruções, explicações, exposições e definições, a fim de aproximar as atividades escolares ao máximo possível das atividades do mundo real.

A linguagem oral é uma forma de interação que possibilita uma transmissão de informações de um emissor a um recepto, sendo vista como um lugar de interação humana, sendo através do sujeito que fala pratica ações que conseguiria praticar caso não fosse falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromisso e vínculos que não pré-existem antes da fala, considerando essa perspectiva de ensino realmente produtivo.

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto pratica social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia, pois a mesma será sempre a porta de iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos.

Nos momentos de regência do Programa Residência Pedagógica é notável que nas produções textuais dos alunos fica evidente o uso de palavras que são usadas na oralidade dos mesmos, um dos fatores que influência esse fator é a ausência do hábito de leitura dos alunos, pois tem aluno que sequer conviveu com livros e que fala um dialeto diferente do da escola e ao contrário do que muita gente pensa, as pessoas se entendem muito mais falando do que escrevendo e lendo. Nem a língua escrita é mais sutil do que a fala, nem desperta mais emoções do que ela. Os alunos em muitos casos se detém muito o gramatica e esquecem que existe entre eles uma variação linguística, onde linguisticamente não existe o certo e o errado, mas o diferente, e socialmente as coisas caminham desse modo.

Esses casos de Oralidade presentes em redações merecem bastante atenção e cuidado, pois torna-se necessário que o professor esteja sempre acompanhando as produções dos alunos e solicitando correções das mesmas para que o alunos possa adequar sua linguagem na forma escrita, entendendo que cada situação requer um uso adequado da escrita, e para aprimorar a linguagem e aprendizagem dos alunos instigar aos mesmos e ter um contato mais continuo com a leitura como forma de socialização e conhecimento para os alunos.

Considerando que, antes de chegarem à escola, os alunos narram acontecimentos, reivindicam o que consideram um direito, pedem informações, argumentam para conseguir o que almejam, interagindo assim, por meio da linguagem em diversas situações sociais, cabe a escola possibilitar a ampliação do universo discursivo na modalidade oral e trabalhar não apenas incidentalmente ou sistematicamente essa modalidade. Pois é tarefa da escola desenvolver o universo comunicativo do alunado, possibilitando a participação crítica em situações públicas de oralidade de forma autônoma e competente, desfazendo-se dos equívocos de que existe uma fala única, uma fala certa ou errada. Por isso é necessário apontar formas de lhe dar com as situações de alunos que apresentam interferências na sua escrita por conta da oralidade.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As escolas enfrentam problemas em relação ao ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no ensino da norma padrão. Esse fato não é novidade, há comentários a respeito do “erro” no uso da língua pelos brasileiros. Alguns, mais extremados, chegam a falar em “empobrecimento”, “decadência”, “degeneração”, dentre outros, do português do Brasil. O ensino de língua portuguesa desde muito tempo, relaciona-se á polêmica de ensinar língua materna como sinônimo de ensinar a norma padrão da língua. Isso acaba por resultar no ensino exclusivo das regras gramaticais, excluindo-se o ensino as variações linguísticas existentes na língua. Analisando estes aspectos, quais são as formas de lhe dar com as situações de alunos que apresentam interferências na escrita por conta da sua linguagem?

 A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, embrulhado e acabado, mas não é assim. A língua é viva, dinâmica e está constantemente e recomposição e em permanente transformação. O professor é um mediador que deve mostrar as peças, e permitir que o aluno conheça todo seu funcionamento, pois existe uma demanda em volta do professor e dos alunos, seja por cobrança dos pais, dos diretores ou donos de escola, onde deve-se mostrar que todas as ciências evoluem, é que a ciência da linguagem não deixa de evoluir.

Sem dúvida, essa situação é decorrente da forma como a escola concebia a língua, apresentando-a como um fato único e homogêneo, e todo aquele que não utilizasse de maneira ‘correta’, de acordo com as regras da gramática normativa era considerado um mau ‘falante’, de sua própria língua.

É importante mostrar e identificar essa variação no uso da língua pelos brasileiros, com ênfase nos alunos do ensino fundamental, apresentando as dificuldades que as escolas enfrentam no ensino da gramática e da variação linguística, buscando métodos para aprimorar o ensino da nossa língua.

Nos textos produzidos pelos alunos, nota-se a oralidade recorrente com fatores associados à gênero, idade, localidade onde vive, costumes e vida social, tais como: “por ali” “aí”, “daí”, **“numas”, “hein”, “oh,”, “ah,”  “poxa” , “putz”, notando-se que** embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto nível de diversidade e de variabilidade**.** Segundo Fishmam a forma de falar ao defender uma tese e diferente da forma de comemorar, mesmo estando com as mesmas pessoas.

“Se é bem verdade que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita, isto não torna a oralidade mais importante ou prestigiosa que a escrita: trata-se apenas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível sobre a escrita (Cf. Stubbs, 1980) Marcurshi, p.17.

 A sociolinguística vai mostrar os problemas da variação linguística e da norma culta, pois se linguisticamente não existe certo e o errado, mas o diferente, socialmente as coisas não caminham desse modo, assim diz Marcos Bagno:

“É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronuncias internas que governam o idioma. ” P. 52-53

A oralidade na sala de aula deve ser também partilhada pelos responsáveis pelo ensino da língua, como código linguístico. Embora, geralmente nem tudo é como deveria ser, estas noções estão muito longe de serem totalmente acatadas, o que evidencia uma série de mal-entendidos e simplificações grosseiras. Os livros didáticos de português têm tratado a linguagem oral como um simples instrumento de comunicação. De acordo com estes, a língua é clara, uniforme, bastante utilizada no dia a dia irrelevante demais para ter espaço no contexto teórico de sala de aula.

 O atual PCN de língua Portuguesa enfatiza de forma clara a descrição e o uso da língua, já que este é outro problema que dificulta a utilização desse recurso na escola, tendo como objetivo apontar limites claros entre o momento escolar em que haverá o ensino do uso da língua e o momento escolar em que haverá a descrição da língua.

 Torna-se necessário que os educadores entendam que descrição e uso da língua são atividades independentes. Por essa razão, geralmente acontecem grandes erros na escola, por muitos professores de língua materna que usam suas aulas de português ensinando gramática.

 Esse equívoco cria e veicula não apenas a noção de erro, mas também engendra o sentimento de culpa, pelo fato de os usuários não falarem de acordo com as regras dessa língua, culminando em uma sensação de incapacidade na produção escrita perante a própria língua.

 O português pode até ser visto como difícil, a questão é que as regras não são vistas da forma que falamos e cada região adota uma forma diferente de falar, e a oralidade estará sempre presente.

**CONCLUSÕES**

Em virtude dos fatos mencionados, é possível notar que as línguas evoluem com o passar do tempo, se transformam e vão adquirindo características próprias em função de seu uso por comunidades especificas, adquirindo novos valores sociolinguísticos, ligados ás novas perspectivas da sociedade, que também muda; aparecendo assim como já vimos, não o certo e o errado, mas o diferente.

A língua muitas vezes é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade ela é apenas diferente da língua ensinada na escola, pois é notável que saber ortografia não tem nada a ver com saber a língua, pois o ensino da língua está mais voltado para a gramatica que para a variação linguística tornando o aluno leigo nesta parte. Em suas produções a oralidade torna-se bastante presente, onde é vista distinções próprias da escrita de acordo coma localidade em que vivem.

Para acabar com essa inquietação em relação a variedade linguística, têm-se que passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, pois a mesma constitui um tesouro precioso da nossa cultura. A variação acontece, pois, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de um jeito idêntico.

 A fala veio primeiro e a escrita é apenas sua representação, mas é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que dominam o idioma.

Portanto, nesse processo de aquisição da escrita destaca-se a importância de o professor considerar diversidade linguística como ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento sobre o funcionamento da língua, e buscar formas de lhe dar com essas interferências.

Essas considerações mostram que as línguas, quando se transformam com o passar o tempo, não se degeneram, não se tornam imperfeitas, estragadas, mas adquirem novos valores sociolinguísticos, associados às novas perspectivas da sociedade, que também muda. Nessas transformações não aparece o certo e o errado linguístico, mas o diferente.

Como já dizia Bagno na abertura de seu livro:

“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó. ” p. 10

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística I:**Domínios e Fronteiras. 9. ed. São Paulo, Brasil: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para Escrita:**Atividades de Retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.**11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:**O que é, como se faz. 49. ed. São Paulo, Brasil: Loyola, 1999**.**